



SANGUE E CORPO Luciano Coutinho

Formação
ação da forma.
O homem sendo carne
tem forma
e a forma
deformada,
pelo mundo
Contemporâneo,
na torre de brilhante
é presa.

E esta,
presa,
pensa
que
por surpresa
tudo é Belo.

- Belo Contemporâneo -
humano desumanizado

Ao leigo,
a deformação da deforma,
reformando,
assim,
a forma
livrando o homem
do Belo Contemporâneo,
agindo passionalmente
em favor da Carne nova

- Corpo e Sangue
de Cristo!

Identidade

➡ A educação para a solidariedade e para a fraternidade, se fundamenta no respeito e no amor para com todos os seres. Ela é uma resposta profética à crise nas relações humanas, que passa a sociedade capitalista, dominada pelo egoísmo, pela idolatria e pelo consumismo. A educação lassalista exercita as pessoas no diálogo, no perdão e na cooperação.

➡ A solidariedade, em si, não depende de religião, mas deve receber desta um impulso vital. É um elemento ético de cunho antropológico, portanto, profundamente humano, mas que necessita ser trabalhado ao longo da vida. A solidariedade é um pressuposto para a fraternidade, que é fruto de uma opção de fé. O cristianismo

dá uma conotação especial à fraternidade, a partir de Jesus Cristo.

➡ A escola lassalista, a partir de sua opção cristã, assume a fraternidade evangélica, que se fundamenta na revelação trazida por Jesus Cristo: Deus é nosso Pai (Pai Nosso), por causa de Jesus (o Filho de Deus) somos filhos de Deus Pai, e, conseqüentemente irmãos e irmãs entre nós. É vontade de Jesus que sejamos irmãos uns dos outros, como ele o expressa no mandamento novo do Amor entre irmãos e irmãs, na fé.

➡ A fraternidade evangélica é um diferencial importante para os cristãos na sociedade face a todas as demais iniciativas e experiências, que lutam validamente por um mundo justo e solidário, e com as quais os cristãos, respeitando as diferenças procuram fazer parceria.

➡ Na escola lassalista a fraternidade é, ao mesmo tempo, objetivo, conteúdo, e caminho metodológico. E neste propósito os responsáveis pela coordenação geral da escola procuram, permanentemente, estimular estreitamento de laços fraternos em todas as pessoas, em todos os setores em que atuam e interdependência na consecução dos objetivos educacionais da Escola.

PROPOSTA EDUCATIVA LASSALISTA



Chamados por Deus para este Ministério,
empreguem, segundo a graça que lhes foi
conferida, o Dom de Educar!

Meditação 193,2 de São João Batista de La Salle

OS EDUCADORES SÃO A ESPERANÇA DO MUNDO

Ir. Ignácio Lúcio Weschenfelder, São Paulo/SP
Provincial

★ Parece pretenciosa a afirmativa contida no título. Poderia ser posta em dúvida se fosse apenas opinião minha. Temos todos os motivos de exultar de alegria e de entusiasmo quando vozes abalizadas soam vibrantes, hoje, a afirmar que os educadores são a esperança do mundo. Basta ler a obra "Pais vibrantes, Professores fascinantes" de Augusto Cury, para reforçar a fé nessa assertiva. Observo que o autor entende por educadores os pais e os professores.

★ Por serem os educadores a esperança do mundo, sua dignidade é incommensurável. Já faz trezentos anos que São João Batista de La Salle doou sua vida pelo resgate da dignidade do professor. Continua sendo tarefa para nós, neste início do século XXI, a de resgatar a dignidade dos professores.

★ Quero partilhar com os leitores do Formativo FAMÍLIA LASSALISTA o monumental elogio que Augusto Cury faz aos educadores: "*Todos perceberam que a esperança de um belo amanhecer repousa sobre cada pai, cada mãe e cada professor, e não sobre os psiquiatras, o judiciário, os militares, a imprensa...*" (Augusto Cury, em "Pais brilhantes e Professores fascinantes", pág. 165). Observe-se que Augusto Cury é psiquiatra.

★ Queremos, portanto, professores que sejam a esperança do mundo. Quando eles o são e a sociedade os vê assim, reconquistam a imagem de sua dignidade. Como essa imagem está fraca em muitos professores, é preciso resgatá-la.

★ Resgatar a dignidade dos professores renova os sonhos de um futuro fe-

liz, de um mundo possível, de uma juventude que volta a crer na vida e a esperança de que mais jovens aspirem ao magistério.

★ Devemos considerar duas vertentes quando se trata de conquistar o devido prestígio para os professores: A primeira flui da dignidade com que eles próprios desempenham sua profissão e missão. O prestígio dos professores depende da atuação e da espiritualidade deles muito mais do que do reconhecimento da sociedade. A segunda vertente brota do prestígio que a sociedade atribui à missão de educar.

★ Lamentavelmente a sociedade, em geral, e principalmente a brasileira, desconsidera a importância do(a) educador(a), seja ele(a) pai, mãe, professor ou professora. E quando se trata da profissão de professor, para se avaliar como a sociedade a considera, basta observar quantos candidatos para cada vaga há nos vestibulares para os cursos de Licenciatura e quantos candidatos há para Medicina, Engenharia, Odontologia, Direito... Não é de estarrecer? Entre as centenas de alunos de Ensino Médio de muitos colégios, não se encontra um rapaz sequer que pretende seguir um curso superior de Licenciatura. Às vezes se encontra alguma moça que se diz candidata a professora.

★ Recentemente vi no corredor de uma escola um quadro com a foto de umas 50 crianças, de 1ª à 3ª série do Ensino Fundamental, com a declaração de cada uma sobre o que desejava ser na vida. Cinco meninhas declaravam a vontade de se tornarem professoras. Nenhum dos meninos sonhava com essa profissão. O sonho predominante entre eles é ser médico. É sumamente desejável que as pro-

fessoras animem essas meninas que sonham em seguir a profissão do magistério e se entusiasmem com elas.

★ Proponho às escolas lassalistas, às Direções, Coordenações e Corpo Docente, que reflitam sobre sua responsabilidade em suscitar futuros professores entre seus alunos. Trata-se de fazer uma verdadeira, ampla e arrojada promoção vocacional, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Se há escolas no mundo mais responsáveis por essa promoção, são as escolas lassalistas, como honra que devemos ao Padroeiro dos Professores, São João Batista de La Salle.

★ O maior prestígio de uma escola lassalista devem ser os(as) professores(as) que ela pode contar entre as fileiras de seus antigos alunos, muito mais do que famosos médicos, políticos, engenheiros, psiquiatras..., ainda que estes também devam surgir numerosos e de qualidade, para o bem da sociedade e a seu serviço. Frequentemente vemos professores se gloriar de seus ex-alunos médicos, engenheiros, políticos famosos... Raramente observei professores se gloriar de seus ex-alunos que seguiram suas pegadas, na mesma missão educativa.

★ Um projeto específico, na pastoral de cada colégio, que objetive despertar vocações para o magistério, seria bem-vindo e seria fonte de bênção para a sociedade e para um futuro de esperança. É preciso reverter a mentalidade comum entre gente famosa da sociedade como esta: Se um adolescente, de família rica, diz a seus pais que deseja tornar-se médico, engenheiro, agrônomo..., os pais ficam exultantes. Contrariamente, se um filho confessa a intenção de tornar-se professor, os pais, em geral, se manifestam decepcionados. Mais triste ainda: quando o(a) filho(a) de um(a) professor(a) manifesta o desejo de seguir a profissão do magistério e o pai ou a mãe professor(a) lamentam e não concordam. Isso já aconteceu. Não é estarrecedor?! Tiremos as conclusões e reflitamos para que haja consequências para nossas ações e conceitos.



POR QUE SE MANTÉM VIVA A PEDAGOGIA DE LA SALLE?

Ir. Silvino José Fritzen, Niterói/RJ
Instituto ABEL

É uma questão levantada por muitos educadores. Há diversas maneiras e formas de se responder, mas, dificilmente, a resposta alcança o centro da questão.

Não se mantém viva só porque supõe coisas tão significativas como:

- Organização minuciosa e controlada dos resultados.

- Melhoria dos conhecimentos e sentido prático dos mesmos.

- Ordenação do trabalho em função de níveis escolares progressivamente superados.

- Adaptação às necessidades sociais dos alunos.

- Flexibilidade nos procedimentos para alcançar objetivos por todos compreendidos e adequados para todos os educandos.

- Uso de instrumentos manejados pelos mestres.

Tudo isso, e muitas coisas mais, são dados significativos dos procedimentos de João Batista de La Salle e de seus discípulos. Mas isso muitos outros educadores empregaram sem, no entanto, passarem para a História.

O verdadeiro sentido da pedagogia de La Salle é aquela que mais ressalta ao se analisá-la com precisão. É aquela que trata de uma pedagogia que se apoia no **AMOR AO ALUNO**.

É UM AMOR HUMANO

Quer-se o aluno como Pessoa.

O Santo multiplica, insistentemente, nas suas cartas, meditações e escritos, palavras tais como “ternura”, “afeto”, “predileção”, “carinho”, “consideração” e, sobretudo, “AMOR”.

É tão humano João Batista de La Salle que é surpre-

endente a associação que faz dessa dimensão com sua figura ascética, austera, dura, lutadora.

E UM AMOR PROFISSIONAL

Ele quer o aluno como um estudante.

As alusões em relação à responsabilidade profissional são também reiteradas e muitas. Os mestres são responsáveis pelo progresso de seus alunos: dão seu tempo e sua vida por eles. Devem ajudá-los constantemente, sobretudo quando as dificuldades podem levá-los à rejeição da escola e das exigências. É tão profissional um santo que, até quando fala da oração, da penitência, da esperança, da espiritualidade, não afasta os conceitos de trabalho, de aproveitamento e de dedicação total.



É UM AMOR ESPIRITUAL

Quer o aluno como Filho de Deus.

É a caridade cristã que atinge profundamente o amor humano. Esta categoria de batizado, de membro da igreja, de chamado para a salvação, tudo isso é que faz do aluno um ser algo mais que um escolar, mais que uma pessoa. É mesmo Jesus que se apresenta diante dos olhos dos mestres cristãos na figura de cada criança, sobretudo dos mais pobres, abandonados e necessitados.

Por isso, a Pedagogia de João Batista de La Salle é uma pedagogia cristã e não pode ser compreendida fora do contexto confessional e apostólico na qual está encarnada. Como o cristianismo deu sempre tanta importância à pessoa e continua dando na atualidade, a pedagogia de La Salle continua com toda força e com crescentes perspectivas de futuro. Continuará por muitos anos e séculos sendo uma pedagogia nitidamente cristã.

A FESTA DE SÃO JOÃO BATISTA DE LA SALLE É CELEBRADA EM DUAS DATAS DISTINTAS:

DIA 07 DE ABRIL: É a festa litúrgica de São João Batista de La Salle que, na sua vida, seguiu de perto a Jesus Mestre: Caminho, Verdade e Vida. Deixou-se conduzir e transformar pelo Espírito Santo até chegar a ser “Mestre e Pai Espiritual” de uma multidão. Faleceu, com a idade de 68 anos, no dia 7 de abril de 1719. Foi declarado Santo, isto é, canonizado pelo Papa Leão XIII, em 1900. Sua festa litúrgica coincide com o dia de seu falecimento: dia 7 de abril.

DIA 15 DE MAIO: Festa de São João Batista de La Salle, como Padroeiro Universal dos Educadores. É a segunda festa do Fundador, celebrada anualmente. La Salle, entre os seus méritos, renovou a escola, tomando-a acessível, principalmente para alunos mais pobres. Mas seu trabalho principal, na área educativa, reside em sua ação pela promoção do magistério, tão aviltado na época. Cooperou para a elevação do prestígio e da auto-imagem do educador. Para que sua missão fosse exercida mais profissionalmente e para que tivesse melhor preparo intelectual, técnico, pedagógico e espiritual, criou a primeira Escola Normal, assim como ela é modernamente entendida e escreveu vários textos orientadores para os professores. Por estes e outros méritos, o Papa Pio XII conferiu-lhe, em 15 de maio de 1950, o título de Padroeiro Universal dos Educadores. E esta festa é celebrada universalmente, nesse mesmo dia, isto é, dia 15 de maio.

É pela educação, ou seja, pelo desenvolvimento do processo educativo, que as potencialidades do educando são transformadas em competências, capacidades e habilidades. Educar é transformar

potencialidades em competências, em capacidades e habilidades.

Com base nos pilares da educação do Relatório Jacques Delors, as quatro competências fundamentais são: competência pessoal (aprender a ser); competência relacional (aprender a conviver); competência produtiva (aprender a fazer); e competência cognitiva (aprender a conhecer).

✓COMPETÊNCIA PESSOAL

Aprender a ser

Autoconsciência (compreender-se e aceitar-se); Autovalorização (atribuir-se uma significação positiva); Auto-estima (gostar de si mesmo, apreciar-se); Auto percepção (identificar seus pontos fortes e fracos); Autoconceito (formar uma idéia precisa de si mesmo); Autoconfiança (apoiar-se, primeiro, em suas próprias forças); Auto projeção (tornar-se um ser autoproposto, ter projeto de vida); Autotelia (estabelecer seus próprios fins, encontrar seu sentido de vida); Autonomia (reger-se por critérios próprios); Autodeterminação (posicionar-se a partir de seus próprios pontos de vista e interesses); Autopreservação (saber lidar com a adversidade de forma resiliente);

✓COMPETÊNCIA RELACIONAL

Aprender a conviver

Competências interpessoais: amizade; amor; familiaridade; companheirismo; relações afetivo-sexuais.

Competências sociais: solidariedade; espírito comunitário; cidadania; urbanidade; patriotismo; humanitarismo. Segundo Bernardo Toro, a convivência entre os seres humanos, por não ser natural, requer aprendizagens básicas, que devem ser ensinadas, aprendidas e desenvolvidas todos os dias. Esta é

uma tarefa de toda a vida de uma pessoa e de uma sociedade.

Aprender a não agredir ao semelhante; aprender a se comunicar; aprender a interagir; aprender a decidir em grupo; aprender a se cuidar; aprender a cuidar do lugar em que vivemos; aprender a valorizar o saber social.

Aprender a não agredir o semelhante: Aprender a valorizar a vida do outro como a sua própria vida; aprender a não tratar o diferente como inimigo; aprender a valorizar a diferença como uma vantagem que nos permite compartilhar outros modos de pensar, sentir e agir; aprender a buscar a unidade, mas sabendo conviver com a diversidade; aprender a ter no cuidado e na defesa da vida o princípio de toda convivência (ética biofílica); aprender a respeitar a vida íntima dos outros; aprender a negociar conflitos de interesses e a se opor à guerra, tornando-a um ato inútil e impensável.

Aprender a se comunicar: A conversação em família é o primeiro passo para alguém aprender a se comunicar. A comunicação (verbal, gestual ou escrita) é fundamental para uma convivência social ampla, diversificada e sadia. A convivência social requer aprender a conversar. Através da conversação podemos nos expressar, compreender, esclarecer, concordar, discordar e se comprometer. Conversando, aprendemos a resolver conflitos pacificamente e a descobrir caminhos e alternativas para viver melhor.

Aprender a interagir: Abordar os outros com respeito e cortesia; saber ajudar e ser ajudado; aprender a respeitar os compromissos e normas decididos em grupo; aprender a concordar e discordar sem romper a convivência; aprender a viver a intimidade, aprender a cortejar e amar, respeitando os seus sentimentos e os da outra pessoa; aprender a perceber a nós mesmos e aos outros como pessoas; aprender o respeito aos direitos humanos como base para a construção de uma vida digna para todos.

Aprender a decidir em grupo: Apre-

nder a decidir em grupo é saber que os interesses das pessoas são variados; compreender que, para se chegar a um acordo, é preciso negociar. O compromisso com as decisões coletivas deve ser sempre autêntico, verdadeiro. Saber que uma decisão grupal deve envolver na sua negociação todos aqueles que por ela serão afetados.

Aprender a se cuidar: Aprender a proteger e promover a própria saúde e a de todos como um bem social; aprender a valorizar as normas de segurança, evitando acidentes; aprender a reconhecer e a cuidar do corpo como forma de expressão do seu ser.

Aprender a cuidar do lugar em que vivemos: Aprender a perceber o planeta Terra como um ser vivo; aprender a cuidar do ar, das águas, das matas, das reservas naturais e dos animais como riquezas comuns, patrimônio da humanidade; aprender a cuidar dos espaços das cidades: parques, praças, ruas, monumentos e outros logradouros públicos. aprender a usar e controlar o lixo; evitar desperdício e valorizar sua reciclagem; aprender a se opor à produção de resíduos que danificam o planeta e destroem a vida (resíduos atômicos e aqueles não-biodegradáveis).

Aprender a valorizar o saber social: aprender a conhecer o significado, a origem e o sentido das tradições e costumes de sua gente; aprender como os diferentes grupos sociais cuidaram e construíram suas formas atuais de convivência; aprender a ouvir e entender as experiências dos mais idosos; aprender a aproveitar as oportunidades de conhecimento na escola e em todos os outros espaços de saber social.

✓COMPETÊNCIA PRODUTIVA

Aprender a fazer

Habilidades básicas: entendidas como domínio funcional da leitura, escrita e cálculo, no contexto do cotidiano pessoal e profissional, além de outros aspectos cognitivos e relacionais, como raciocínio e abstração necessários para se trabalhar e viver numa sociedade moderna.

Habilidades específicas: definidas como atitudes, conhecimentos técnicos e competências demandadas por profissões, serviços e ocupações no mercado de trabalho, especialmente tendo em vista os processos de reestruturação produtiva em curso no país.

Habilidades de gestão: compreendidas como competências de autogestão, co-gestão e heterogestão, associativas e de empreendedorismo, fundamentais para a geração de trabalho e renda.

✓COMPETÊNCIA COGNITIVA

Aprende a conhecer

As competências cognitivas envolvem o que se tem chamado de “metacognição”.

Aprender a aprender

(autodidatismo): aprender a aprender é o autodidatismo. Na nova sociedade e na nova economia, o homem volta a ser um caçador. Só que, agora, não mais um caçador de animais, como no alvorecer de nossa história, mas um caçador de conhecimentos ao longo de toda a sua vida.

Ensinar o ensinar (didatismo): ensinar o ensinar é o desenvolvimento de habilidades didáticas. Na era do conhecimento, os postos de chefia, coordenação e liderança estarão cada vez mais nas mãos daqueles que forem capazes de repassar conhecimentos e habilidades para seus colaboradores, instigando-os a enriquecerem seus horizontes vitais e estimulando-os ao desenvolvimento contínuo de seus potenciais ao longo da vida.

Conhecer o conhecer

(construtivismo): conhecer o conhecer é possibilitar ao ser humano percorrer os caminhos da construção do conhecimento, em vez de, simplesmente, assimilá-lo “pronto”, construído. Na perspectiva construtivista, a didática se torna uma epistemologia sistematicamente aplicada. Trata-se de preparar o ser humano para produzir conhecimentos, e não apenas para assimilá-los e aplicá-los.

“Eu sou o bom pastor: o bom pastor dá sua vida por suas ovelhas...” (Jo 10, 11). Jesus usa do simbolismo que o seu povo conseguia compreender: amar as ovelhas e cuidar bem delas. **Estar cheio de zelo pelo trabalho que se assumiu.**

La Salle, falando do zelo na educação de crianças e jovens (Med. 201) exorta a todos com expressões como: “...a graça que Deus vos concedeu, encarregando-vos de instruir os alunos, de anunciar-lhes o Evangelho e de educá-los no espírito cristão é um dom extraordinário. Mas, ao chamar-vos para este santo ministério, Deus exige que o desempenheis com **zelo ardente**... porque esta é a obra de Deus.

E, mais: “Manifestai em toda a vossa atitude para com os alunos a vós confiados, que vos considerais como ministros de Deus, exercendo as vossas funções com caridade e **zelo sincero e verdadeiro**...”

Ainda: “Lembra-vos de que foi Deus quem vos chamou e destinou a este emprego e vos enviou a trabalhar em sua vinha. Fazei-o, portanto, **com todo o afeto do vosso coração**...”

Em outro ponto da mesma Meditação La Salle diz: “Esforçai-vos, **pelo vosso zelo**, de tal maneira, que deis provas sensíveis de que amais aos que Deus vos tem confiado...” E, continua o educador: “**Vosso zelo no emprego deve ser tão ativo e corajoso**, que possais dizer aos pais das crianças a vós confiadas o que está na Escritura: Dai-nos as almas (pessoas) e tomai o resto para vós...” La Salle culmina a reflexão sobre a obrigação dos educadores de desempenharem com zelo o seu trabalho com a seguinte expressão: “De fato, somente o **zelo ardente** pela salvação das almas de vossos alunos vos deve ter decidido a sacrificar-vos e a consumir toda a vossa vida, para dar-lhes e ducaçã o cristã e ob-

ter-lhes a vida da graça neste mundo e a vida eterna.”

Vamos deixar a análise da visão teológica de La Salle para outro momento e ater-nos, somente, a algumas aplicações referente **ao zelo** que deve animar o educador cristão. **Para La Salle, atuar na educação é uma opção de vida.** É uma opção feita em resposta ao **apelo de Deus**, sentido de forma clara, ao qual o educador dá sua resposta. Por isto, é preciso entregar-se de corpo inteiro e de alma plena a esta missão. O **zelo** é a chama acesa que alimenta a vida do educador e explica a sua dedicação plena.

É incompreensível, na visão lassaliana, ver um educador sem zelo pelas coisas da educação, pelo seu que-fazer educativo, pela escola na qual trabalha. La Salle queria que a “escola funcionasse bem”.

Isto implica em que todos os educadores façam o melhor de si para que a escola funcione bem. E, para que a escola vá bem, é preciso que haja uma interação constante entre todos os que nela atuam em vista do bem comum e do sucesso coletivo.

Estes dias, na semana anterior ao início das aulas, encontrando um professor de uma determinada escola, ele me dizia: “Estamos quase chegando às aulas. O que se vai fazer, não tem jeito...”. Eu ainda respondi: “Que bom! Graças a Deus!”. Mas, no fundo do coração, lamentei a expressão do professor. Coitado, está no magistério sem alma, sem vibração, sem entusiasmo. Desta forma, seguramente, não manifestará zelo e amor nem pelas atividades e nem pelas crianças. E quem está na educação, quem é educador precisa **amar o que faz** e **amar as crianças e jovens** com quem trabalha. Não se concebe mais quem opte pela educação sem amor pela missão.

Educadores com zelo em sua missão é condição para a melhora da educação e da sociedade, pois sabe-se que a excelência das instituições são as pessoas. E as nossas crianças e jovens merecem educadores de excelência, entusiasmados pelo que fazem, com grande amor e zelo por sua missão de educar. Merecem professores fascinantes.



A atuação voluntária é antiga, mas, devido ao crescimento da procura por pessoas interessadas em ajudar as entidades, foi preciso regulamentá-la.

Por isso, com o intuito de distingui-la e fixar um limite entre o serviço voluntário e a relação de emprego, surgiu a lei número 9608/98 que direciona juridicamente o trabalho voluntário.

Com essa lei, foi criado o Termo de Adesão, que se trata de um contrato estabelecido entre organizações e voluntários. O pacto existente entre ambos deve obedecer às mesmas características do contrato: partes capazes, objeto lícito e forma prescrita em lei.

A função é documentar a procura de proponentes ao exercício voluntário com a conseqüente oferta de suas limitações e, de outro lado, o compromisso de uma pessoa em prestar serviços sem receber pagamento por isso.

O termo assinado pelo voluntário é, na verdade, uma declaração unilateral de quem se coloca à disposição para prestar determinado tipo de serviço a certo tipo de entidade ou população. Logo, há duas propostas: uma da instituição e outra do voluntário.

Para que elas sejam cumpridas e aceitas é preciso que estejam em conformidade com o Código Civil brasileiro, artigo 1080: "A proposta de contrato obriga o proponente, se o contrário não resultar dos termos dela, da natureza do negócio, ou das circunstâncias do caso."

Ou seja, quando uma entidade se propõe a aceitar voluntários é preciso verificar se o trabalho também deve ser adequado às características pessoais do prestador de serviços.

Convém, portanto, deixar claro que a alocação do voluntário dependerá da avaliação de suas características particulares por parte da organização. Tal terminologia seria suficiente para evitar uma série de contratemplos e constrangimentos desnecessários.

Dessa primeira análise, pode-se concluir que o voluntário não tem necessariamente direito a prestar os serviços, ele apenas o torna disponível à instituição. Por outro lado, a entidade pode exigir a prestação do serviço a que se propôs o voluntário.

É preciso ressaltar que a proposta da organização também obriga a mesma naquilo que assinar.

Segundo determina a lei do voluntariado, os direitos do voluntário frente à instituição são:

Ressarcimento de despesas

A lei diz: "o prestador do serviço voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividades voluntárias".

Quando aponta "poderá", fala também da obrigação da entidade em cumpri-lo. No entanto, essa obrigação se limita ao que a organização autorizar, prévia ou posteriormente. Isso ocorre porque, de acordo com a legislação, "as despesas a serem ressarcidas deverão estar expressamente autorizadas pela instituição a que for prestado o serviço voluntário."

Outros direitos podem ser estabelecidos no Termo de Adesão, mas é necessário ter cuidado para que eles não acabem por descaracterizar a relação.

Obrigação em prestar os serviços

Uma vez que o voluntário se "obriga" pessoal e livremente, nada pode impedi-lo de deixar de prestar esses serviços. Contudo, enquanto vigorar o termo, é de expectativa da organização que o voluntário preste o auxílio, sendo que os prejuízos oriundos de sua omissão são passíveis de serem ressarcidos.

Não se trata também de qualquer tipo de serviço ou serviço prestado de qualquer maneira. É de se esperar que o voluntário, dentro dos limites a que se obrigou, preste auxílio de boa vontade e de boa qualidade, razoáveis e compatíveis com a própria capacidade.

A responsabilidade do voluntário face à instituição e vice-versa

Tudo o que for confiado ao voluntário e por ele aceito será parte de sua obrigação. Assim, ele responde pelos danos que causar em sua ação ou omissão.

O que regula esse princípio é o artigo 159 do Código Civil: "aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência ou imprudência, violar direito, ou causar prejuízo a outrem, fica obrigado a reparar o dano (...)".

Danos e prejuízos

O mesmo princípio deve ser aplicado à instituição, obrigando-a a reparar danos causados ao voluntário.

O que deve se observar em qualquer caso é a vinculação obrigatória entre a ação (ou omissão) e o dano causado, essencial para a apuração da culpa que, por sua vez, é premissa para a averiguação de responsabilidade.

É claro que se a organização e/ou voluntário tomarem todas as medidas prévias razoáveis, necessárias e esperadas

para impedir que o dano previsível aconteça, não há como responsabilizá-los.

Um bom exemplo disso seria o trabalhador de construção civil que se recusa a usar os itens de proteção fornecidos: o dano causado é de inteira responsabilidade dele. Porém, caso os aparelhos não forem fornecidos, o dano será de responsabilidade do patrão.

Se o voluntário causar prejuízos por não ter prestado seus serviços, ou ainda prestá-los de forma irregular ou desleixada, a entidade pode cobrar dele. O mesmo acontecerá com a instituição que deixar de prestar atenção para a segurança dos voluntários e de todo pessoal que tem sob sua coordenação.

A responsabilidade da organização face aos atos do voluntário

Quando uma pessoa representa outra, os danos causados pela primeira devem ser arcados pela segunda. Logo, se o voluntário causar prejuízos a alguém, essa pessoa pode exigir reparações da entidade.

Em contrapartida, a instituição pode exigir do voluntário ressarcimento pelos danos que causou por sua responsabilidade, configurada na Constituição Federal: artigo 37, parágrafo 6º. "As pessoas jurídicas de direito público e as de direito privado prestadoras de serviços públicos responderão pelos danos que seus agentes, nessa qualidade, causarem a terceiros, assegurado o direito de regresso contra o responsável nos casos de dolo ou culpa".

Do direito de obter prestação de contas

Há, afinal, um direito que não está previsto na lei, porém que decorre da execução do termo de voluntariado: o direito de se ter informações sobre a atividade da outra parte.

O trabalho voluntário se limita a certo tipo de auxílio prestado a determinada pessoa. Esses serviços se vinculam não somente às pessoas ou ao serviço em si, mas também ao fim a que se destinam, à correta e fiel utilização dos serviços prestados.

Logo, é natural que decorra da prestação de contas quanto aos resultados deles, de saber e se certificar se a entidade pratica e atua de forma como se apresenta. Da mesma maneira, a organização tem direito de obter prestação de contas dos serviços executados e das circunstâncias nas quais ocorreram.

4 – PRUDÊNCIA:

Esta virtude é um ótimo meio para auxiliar o mestre cristão a refletir sobre os métodos mais seguros, a fim de educar bem os alunos.

Impelido pela prudência, prepara-se com esmero, antes de cada lição, para suas explicações terem clareza e ordem, o que facilitará sua compreensão. Medita sobre seus atos para se dar conta das falhas cometidas. Mesmo já muito experiente, se convence de não saber tudo; consulta os outros e aceita seus conselhos.

É previdente; pensa nos prós e nos contras de uma ação antes de realizá-la, contudo sem demorar demais a tomar decisão. Utiliza linguajar adequado para evitar o cansaço, o aborrecimento ou a desatenção dos alunos.

Analisa e conhece a fundo os alunos, seu caráter e qualidades para ajudá-los a aprimorar-se de acordo com sua capacidade. Peca ao aplicar castigos sem respeitar a proporção com as faltas cometidas, pois é certo que, ao aplicar um castigo maior, caso o aluno não aceitasse o assinalado, essa atitude só atrairia a revolta do mesmo.

Igualmente considera-se falta do mestre não escutar as razões ou justificativas de seus alunos, as quais poderiam modificar algum julgamento errôneo seu; também é falha nunca perdoar alguma falta dos alunos, não importando como eles procedam.

Nunca permaneça sozinho com algum aluno, a não ser com a visão de outras pessoas. Evite castigar sem a presença de testemunha.

Na medida do possível, evite repreender um aluno em público, porque o propósito não é humilhá-lo, especialmente aos maiores. Mantenha em segredo as faltas contra a honestidade, para preservar a honra das pessoas e evitar escândalo. Nunca dê a conhecer a todos as faltas públicas não muito conhecidas.

Quem não quiser aceitar os castigos mais comuns, o melhor procedimento é devolvê-lo à família, segundo diretiva do Guia. Do contrário, será pre-

judicial castigar a quem estiver com o espírito amargurado ou aflito. Da mesma maneira, deverão ser poupados os alunos de espírito tímido, dócil, os que reconhecem suas culpas; mas merecem penas os revoltosos, os obstinados.

A prudência aconselha ao mestre que seu proceder não seja movido pela paixão, pelo mau humor ou pelo capricho. Predomine sempre o amor.

5 – SABEDORIA:

Esta virtude impele o bom mestre a atuar segundo os critérios do Evangelho, quer dizer, de acordo com a vontade de Deus. Por isso ele ora constantemente para conhecer aquilo que mais agrada a Deus. *“Uma das principais preocupações de quem se dedica a instruir os outros consiste em conhecê-los e discernir a maneira de proceder com cada um”.*

A sabedoria o impele a aprofundar o que deve ensinar. Expressa-se assim com mais vigor, clareza e exatidão, evitando termos rebuscados, expressões triviais, linguagem vaga e explicação sem método. Caso contrário não conseguirá resultado nenhum.

O bom professor pratica pessoalmente as qualidades em que deseja formar seus discípulos, tendo presente estar ensinando mais e melhor com o testemunho de seu bom exemplo do que através de suas palavras. Já a Virgem Maria havia prevenido de as vozes das obras serem mais potentes que as dos lábios: *“Façam o que Ele vos disser.”*

Pela sabedoria, o mestre ensinará seus alunos a orientar retamente a conduta, a corrigir as más inclinações, a discernir o bem do mal e a realizar tudo com ordem e disposição. Ensina-os a encontrar a riqueza na pobreza, a alegria no sofrimento, a grandeza nas pequenas coisas, a alcançar um fim através de meios legítimos.

O sábio se vigia para nada dizer a seus alunos que possa ofendê-los ou causar rejeição ao professor ou à escola.

Não coaduna com a sabedoria manifestar mais afã para adquirir talentos humanos e ciências profanas do que as ciências da religião. Não ensina somente para deleitar o amor próprio, mas

tudo o que possa levar Jesus para o coração dos alunos; e não coloca maior empenho em conseguir a estima dos alunos, do que em corrigir-lhes as faltas.

6 – PACIÊNCIA:

Esta virtude auxilia o bom mestre a viver os sofrimentos desta vida e, de maneira especial, os males provindos da educação dos jovens, sem reclamar e com submissão à vontade de Deus.

Ela não suprime a dor, mas a suaviza. Ajuda a recordar a maneira como Jesus aceitou o sofrimento e a cruz para nos salvar e, a exemplo dele, a aceitar as cruces e os trabalhos, a suportar em silêncio as ofensas, os fracassos e o que nos for desagradável.

Não se altera com as burlas ou maneiras inconvenientes dos alunos ou de seus pais.

Vai compadecer-se com a falta de critério dos jovens, de sua superficialidade e inexperiência. Não desanima por ser obrigado a lhes repetir muitas vezes as mesmas coisas. Age sempre com bondade e com carinho, porque de tanto aconselhar e repreender, o ensinamento penetra no coração e no entendimento deles.

O mestre evita magoar os alunos com palavras ofensivas ou descortesias, agarrar ou sacudi-los, bater com a mão ou com algum objeto, impor-lhes sanções injustas ditadas pelo arrebatamento do amor próprio ou por algum impulso irrefletido.

Suporta em seus alunos a falta de docilidade, as ingratidões ou alguma ofensa, sem deixar-se dominar por ressentimentos. Terá sempre completo domínio sobre si mesmo, evitando os ímpetos de cólera.

A paciência o auxilia a suportar os sofrimentos com tranquilidade de espírito; freia o desejo de vingança, o mau humor, o desânimo e as preocupações sem fundamento.

Gravidade
Silêncio
Humildade
Prudência
Sabedoria
Paciência
Moderação
Mansidão
Zelo
Vigilância
Piedade
Generosidade

O ROSTO DO JOVEM LASSALISTA

Ir. Clovis Trezzi, São Paulo/SP
Comissão de Pastoral da Juventude

Como definir o jovem lassalista? Que rosto podemos dar a ele, que perfil ele pode ter? Ou será que podemos dizer que o rosto do jovem lassalista é o próprio rosto de La Salle, preocupado com a educação no seu tempo... será ainda o rosto daqueles jovens que La Salle via pelas ruas, sem acesso à educação, à escola?

Compreendo o grande desafio que é ser jovem lassalista. Porque isso é mais do que ser aluno lassalista. É muito mais que estar na escola todos os dias, é mais do que passar em todas as provas e chegar ao final do 3º ano do Ensino Médio em primeiro lugar. Ser jovem lassalista vai além de tudo isso. Ele não necessariamente é um estudante de uma de nossas escolas. Tampouco é necessário que seja o primeiro da classe, ou que nunca leve bronca de sua professora. O jovem lassalista é mais que uma presença na sala de aula ou nos pátios, é mais que um animador da turma ou do grupo de amigos. Ele nem sempre é notado, porque não tem o desejo de aparecer perante os outros. Ele se transforma num jovem que defende seus ideais.

Pensando assim, como poderíamos descrever o rosto do jovem lassalista? Como definir seus traços? É possível colocar no papel aquilo que ele representa? Refletindo muito, cheguei à conclusão que o jovem lassalista não tem rosto. Ou melhor, seu rosto reflete as atitudes que ele toma. É um jovem atuante, como foi La Salle no seu tempo, alguém que se preocupa com o mundo que o rodeia, e que não tem medo que esse mundo o sufoque ou obrigue a tomar determinadas atitudes que ele próprio condena. É uma pessoa que vê nas pequenas coisas uma oportunidade de mudança. No seu eu mais profundo se encontra alguém que sonha com a mudança do mundo, que não se conforma com a realidade que está aí, é alguém que não só luta pela construção do mundo, mas luta junto com os outros, que conscientiza os outros da necessidade de mudança.



O jovem lassalista assume os traços de São João Batista de La Salle. Ao tomar conhecimento da realidade, se transforma em alguém capaz de dar tudo de si para que aquela realidade se transforme. Mesmo que isso implique em sacrifícios. Aliás, eu não disse antes, o jovem lassalista é alguém dotado de profundo espírito de sacrifício e renúncia, capaz de sair de si e ir em direção ao outro, mesmo que o outro esteja distante e não possa retribuir. Mesmo que precise gastar seus finais de semana ou suas férias, ou pelo menos parte delas. Também percebe no outro o desejo de ajuda.

O jovem lassalista não é só um educando. Ele é um educador. É capaz de vivenciar aquilo que aprende e de dar testemunho de seu ser de jovem lassalista. Não fica parado, esperando as coisas acontecerem. Nem espera que os outros as façam acontecer. Ele age. Sem medo de errar. Sem medo de ser diferente.

Esse é o jovem lassalista. Parece difícil sê-lo, não? E é. Mas o difícil se torna saboroso quando é feito com amor. Ah! Outra coisa que eu esqueci: acima de tudo, o jovem lassalista faz aquilo que faz com amor. Depois de tudo isso, parece impossível ser um jovem lassalista? Pois não é. Temos inúmeros exemplos nas nossas escolas, e mesmo fora delas. Basta olhar. E espelhar-se neles.

FORMATIVO FAMÍLIA LASSALISTA

Associação Brasileira de Educadores Lassalistas

Província Lassalista de São Paulo

Rua Santo Alexandre, 93
Vila Guilhermina
CEP 03542-100
São Paulo - SP
www.lasalle.org.br

COMISSÃO FAMÍLIA LASSALISTA:

Ir. Arno Canísio Atz
Ir. Cassiano Freze Costa
Marcos Luciano Corsatto
Mariana Di Mango Dias

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Marcos Luciano Corsatto
MTb 37617

REVISÃO:

Ir. Ludovico Celant

SUPERVISÃO E EXPEDIÇÃO:

Ir. Ignácio Weschenfelder
Ir. Arno Canísio Atz

IMPRESSÃO:

Gráfica e Editora La Salle
Rua Dr. Paulo César, 222
Icaraí
CEP 24220-400
Niterói - RJ
Fone (21) 2620-7326
www.graficalasalle.com.br

E-MAIL:

dir@dolasalle.com.br

